Artes e LETRAS

AO SERVIÇO DA ARTE

Todos sabemos que o facto de um Governo distinguir com qualquer mercê honorífica, por mais elevada, um nome de escritor ou artista de outro país não é sempre uma prova imediata do seu mérito... Por demais estão divulgadas condecorações e insígnias que há mesmo quem se orgulhe de as não usar. Mas exactamente por isso, porque nem sempre a atribuição de uma honraria qualquer é suficientemente significativa, é que se nos afigura necessário destacá-la e louvá-la quando representa mais, muito mais, do que uma distinção pessoal — e é um puro acto de justiça.

D. Elisa de Sousa Pedroso foi distinguida há pouco pelo Governo italiano com a Medalha de Oiro da Ordem de Colombes. Noticiaram-no os jornais e, ao entregar-lhe anteontem na Legação do seu país tão alta insígnia, referiu o Ministro da Itália, com palavras brilhantes e expressivas, o seu exacto alcance. Este ano, com a artista portuguesa, mereceram-na, entre outros, o glorioso autor da «Fedora», Giordani, o grande pianista Michelangeli, o filósofo de renome universal Heiffetz; que uma compatriota nossa, a quem Portugal tanto deve, veja o seu nome ao lado de tão grandes figuras contemporâneas — eis o que merece ser assinalado, quando não fosse por natural preito de homenagem, ao menos por satisfação jubilosa do nosso patriotismo.

Bem merece D. Elisa de Sousa Pedroso — e ninguém o negará — a distinção com que se honrou, honrando-a, o Governo de Itália — pátria das artes. Toda a vida da insigne pianista tem sido um constante e fiel acto de devoção artística. E se a tantas outras condecorações que tem recebido, se junta agora uma das de maior prestígio europeu, é necessário acentuar que ela distingue, com especial autoridade quem tem sabido cumprir exemplarmente o seu destino artístico. D. Elisa de Sousa Pedroso, cuja carreira artística começou aos seis anos de idade e já culminava aos catorze num grande concerto com orquestra em Coimbra, é, sem dúvida, na vida artística portuguesa do nosso tempo, um dos nomes mais respeitados e admirados — pela sua obra como pianista de nome internacional e pela sua capacidade de «congregação» e, digamos assim, de realizadora e de centro de irradiação artística. A seus pais, ambos grandes artistas, ficou devendo a educação básica donde partiria para o desenvolvimento dos seus métitos pessoais, inconfundíveis. Na Lisboa de há alguns anos ficou o nome do Visconde de Carnaxide como o dum jurista insigne em quem se afeiçoaram o amor da beleza e das artes com as mais lídimas virtudes pessoais. Vivendo num ambiente excepcional e tendo, como mestres portugueses, a servir a sua intuição privilegiada, entre tantos nacionais e estrangeiros, os nomes de Viana da Mota e Rey Colaço, a vida de D. Elisa de Sousa Pedroso teria de ser — e é — marcada por uma superior continuidade artística, um percorrer de caminho onde encontrou as mais justas compensações e a irradiação que o seu nome tem sabido merecer. A sua casa da Rua Borges Carneiro é hoje um centro de convívio espiritual que honra a capital portuguesa. Pelos seus salões têm passado grandes do Espírito e do Sangue, os maiores nomes da vida contemporânea em todos os sectores. Se as suas portas, ilustradas como já é publico e numa ideia original, pelos autógrafos de centenas de celebridades, pudessem falar, seria talvez para contar autênticas páginas de História — sem esquecer as das horas dramáticas de 1940 em que se abriram carinhosamente a dezenas de artistas refugiados que por ali passaram, batidos pelos ventos duma Europa que não lhes reconhecia direitos nem pergaminhos. E' que, nesta Lisboa, em que as mais das vezes os que, pelo seu nome e pelas suas possibilidades materiais, deveriam cumprir o seu dever estimulando a vida intelectual mas, pelo contrário, cada vez se desinteressam mais da Arte e do Espírito, a casa de D. Elisa de Sousa Pedroso constitui um dos derradeiros redutos onde ainda se conversa, se ouve boa música e sem ecir, nem de longe, num estéril pretensiosismo intelectual, se faz todo. os dias uma obra salutar de superiorização e de elevação de nível. Com a criação, há anos, do

(Continua na 5.ª pág.)

Um dos últimos trabalhos do grande escultor espanhol Mariano Benlliure: o busto de D. Elisa de Sousa Pedroso

«APROXIMAÇÃO DO PENSAMENTO CONCRETO DE GABRIEL MARCEL»

pela Dr.ª Salette Tavares

Acaba de ser publicado um novo livro de filosofia que, pelo seu intrínseco valor e ainda por tratar de problemas que estão na ordem do dia das inquietações contemporâneas, merece ser recomendado aos nossos leitores desejosos de informações sobre o actual existencialismo cristão. É sua autora a Dr.ª Salette Tavares, e o título do livro: «Aproximação do pensamento concreto de Gabriel Marcel».

Trata-se da primeira exposição crítica em volume e em português do pensamento de Marcel, feita com patente domínio dos temas versados pelo filósofo, e em forma expositiva que ala à precisão dos conceitos um estilo sugestivo de ricas promessas. Desde as primeiras obras do filósofo procura a autora conduzir o leitor gradativamente às suas últimas consequências. O livro tem por vezes páginas de autêntica biografia espiritual, no melhor sentido da expressão, e a sua leitura prende sempre que um novo acorde até então imperceptível vem completar e esclarecer o que até então vislumbrar de possível.

A parte central do livro — análise interpretativa do célebre Diário Metafísico de Marcel — dá-nos com rigor o núcleo da meditação do filósofo na encruzilhada das duas vias, isto é, a vida do «cogito» e a via do «credo». Crença e razão excluem-se ou, pelo contrário, exigem-se mutuamente e concomitantemente? O encontro das duas vias e o que isso significou para Marcel é-nos mostrado com dramatismo e seriedade. A segunda parte do Diário Metafísico mostra-nos a via da resposta concreta que a sua filosofia exigiu a Marcel: comunicação, mistério, comunhão.

E' nesta parte do seu trabalho que a autora, entrando nas questões da filosofia contemporânea, nos esclarece sobre o significado da existência e sua prioridade na ordem dos valores. A noção de corpo, do «meu corpo», e as duas principais directivas das preocupações humanas — ser e ter — completam este livro que, sem duvida, revela uma interprete meticulosa, segura, e com bela preparação para o domínio dessas complexas questões. E se mais não houvesse nesse livro, isto bastaria para o colocarmos em lugar de honra na escassa produção nacional dedicada aos temas de filosofia.

A POESIA NO MUNDO

por J. MONTEIRO GRILLO

XXXVIII — T. S. ELIOT — Prémio Nobel 1948

Com frequência se acusa a poesia de Eliot de ser obscura e «difícil». Mas «difícil» é toda a Poesia — a de Homero, de Dante, de Camões, de Shakespeare, de Goethe, de Rilke e de Valéry, seus pares.

O poeta Thomas Stearns Eliot, americano de origem e inglês por naturalização, foi não só o grande renovador da moderna lírica inglesa como é um dos mais lúcidos críticos da obra dos grandes escritores europeus.

Desde 1917, data da publicação do seu primeiro livro: *Prufrock and Other Observations* que a poesia deste anglo-católico em religião, monárquico em política e clássico em literaturas (como ele próprio confessou em 1927, data da sua naturalização) tem influenciado, orientado e esclarecido sucessivas gerações de poetas, (não só em Inglaterra e no restante continente europeu, como na América e na Ásia) mesmo os que trilharam caminhos diferentes, — mesmo os que se agruparam sob uma bandeira *anti-eliotiana*. E isto bem o confirma a leitura do «Festschrift» recentemente publicada em comemoração do 60.º aniversário do poeta («T. S. Eliot: a symposium», organizado por R. March e Tambimuttu, edição da Poetry London).

Influenciado pelos simbolistas franceses, ou melhor, tomando por ponto de partida o processus simbolista, T. S. Eliot construi a sua poética que veio revolucionar a moderna lírica europeia: a libertação total do vocabulário quotidiano aliada à mais elevada etérica; a criação de novos ritmos, associando às unidades métricas tradicionais o ritmo da prosa; a sábia dosagem do que se afirma e do que se sugere, do pathos e do bathos, do facto e do símbolo, do que foi e do que é e do que será:

Tempo presente e tempo passado
Estão ambos, talvez, presentes no tempo futuro,
E tempo futuro contido no tempo passado.

(Do *Burnt Norton*)

A poesia de T. S. Eliot não é apenas, como tantos querem, a poesia do desespero, do tédio, do enfastiamento. A visão que o poeta tem do mundo não é apenas a de uma *Waste Land* (título do seu mais discutido poema):

Aqui não há água, apenas rocha,
povoada pelos vultos espectrais dos *Hollow Men*:
Nós somos os homens ôcos,
Nós somos os homens empalhados,
... ...
O crânio cheio de palha. Ai de mim!
As nossas vozes ressequidas quando
Juntos segredamos
São abafadas e sem sentido
Como o vento na erva seca
Ou ratos correndo sobre vidro partido
Na nossa adega seca.

Não, o mundo de Eliot, quer-nos parecer, é antes o do homem que pecou e gerou o sofrimento por suas próprias mãos mas que será redimido pela Graça de Deus, não importa se após uma longa expiação ainda:

Oh, Pai, benzindas são as tuas palavras,
E nós enfrentaremos o futuro com coragem,
Lembrando-nos do passado.
(Dos *Choruses from the Rock*)

Para o poeta o passado próximo que veio a mal em que se afundou a sociedade contemporânea, e é na tradição, na genuína tradição, que o homem encontrará o caminho.

T. S. Eliot é o sereno intérprete da crise da civilização ocidental, uma civilização exausta que ele crê que renascerá:

No meu fim está o meu princípio
(Do *East Coker*)

O mundo que ele nos revela não é de quem desespera pois ele sabe que a sua súplica não será em vão:

Senhor, tende piedade de nós.
Cristo, tende piedade de nós.
Senhor, tende piedade de nós.
(Da peça *Murder in the Cathedral*)

★

Thomas Stearns Eliot nasceu no dia 26 de Setembro de 1888, em St. Louis, (Missouri), E. U. da América e a sua obra poética acha-se hoje reunida nos seguintes volumes: *Collected Poems* (1909-1936), *Murder in the Cathedral* (drama em verso, 1935), *Old Possum's Book of Pratical Cats* (1939), *Family Reunion* (drama em verso, 1939) e *Four Quartets* (1944).

Eliot

Dos seus numerosos ensaios publicou-se uma selecção: *Selected Essays*.

A JORNADA DOS REIS MAGOS

«Que fria jornada tivemos,
A pior época do ano
Para tal empresa — e que longa ela foi:
Escarpados os caminhos e agreste o tempo,
No pino do Inverno.»
E os camelos saugrando, magoados das patas, negando-se,
Deitando-se na neve que se derretia
Por vezes tínhamos saudade
Dos palácios de Verão nas encostas, os terraços,
E as moças coloridas trazendo refrescos.
Depois os cameleiros pregueiando e resmungando,
E desertando e querendo vinho e mulheres,
E os fogueiros apagando-se e a falta de abrigos,
E as cidades hostis e as vilas inóspitas;
E os aldeiros rudes exigindo preços exorbitantes:
Foi uma dura jornada.
Por fim preferimos viajar durante toda a noite,
Dormindo aos poucos,
Com vozes cantando-nos nos ouvidos, dizendo
Que tudo isto era loucura.

Por uma madrugada descemos a um vale temperado,
Húmido, no fundo de montes nevados, cheirando a vegetação,
Com regatos serpenteando e uma ceninha agitando as sombras,
E três árvores esbatidas no céu baixo,
E um cavalo branco galopando no prado.
Depois chegámos a uma taberna com uma janela emoldurada por uma parreira,
Seis mãos na soleira duma porta jogando os dados a moedas de prata
E pés tropeçando em odres de vinho vazios,
Mas nenhumas informações conseguimos; continuámos, pois,
E pela noitinha, nem um minuto mais cedo, chegámos
Ao local: o que já era (poderíamos dizer) satisfatório.

Tudo isto foi há muito já, lembro-me bem,
E já-lo-ia outra vez; mas não bem,
Não bem,
Isto: fomos nós guiados por todos aqueles caminhos
Para o Nascimento ou para a Morte? Houve um Nascimento, é certo
Tivemos a prova, sem dúvida. Eu vi o nascimento e a morte,
Mas julguei que fossem diferentes. Este Nascimento,
Foi dura e amarga agonia para nós, como a Morte a nossa morte.
Voltámos às nossas terras, estes reinos,
Mas já não estamos à vontade na antiga crença,
Com gente estranha agarrada aos seus deuses.
Gostaria de outra morte.

(Tradução de TOMAZ KIM)

CONTOS

DE MACHADO DE ASSIS

Na literatura brasileira, tão rica de valores, o nome de Machado de Assis é o dum patriarca cada vez mais presente e actual a despeito do rodar dos anos. Primaz do romance, fundador da Academia Brasileira de Letras, analista impiedoso e profundo da alma humana, Machado de Assis foi simultaneamente, o romancista e o contista da sua época, e um precursor de correntes literárias que só muito mais tarde, e na Europa, viriam a afirmar-se.

Machado de Assis

Há críticos que sustentam a superioridade de Machado de Assis do contista sobre o romancista. Sendo como é, a arte do conto mais difícil, pela necessidade dum excepcional poder de síntese e de observação, tal conceito só faz avultar o mérito do grande escritor.

Acaba de sair um volume de contos escolhidos de Machado de Assis, publicados em Portugal («Livros do Brasil, Lda»). Para o nosso público, não se tratando, pròpriamente duma descoberta ou duma revelação, pois o nome de Machado de Assis tem entre nós grande irradiação, terá a obra o mérito de vir lembrar um excepcional escritor de língua portuguesa através de alguns dos seus contos mais significativos. Escolheu-os José Osório de Oliveira, que antecede a obra dum prefácio. Só há que desejar a rápida publicação em edições portuguesas, dos livros de Machado de Assis, sobretudo dos seus principais romances e contos. Cremos que já existem, mas se assim é, não se dá por eles nas livrarias e é, portanto, como se não existissem.

«O DRAMA DE GOMES LEAL»

POR GOMES MONTEIRO

O distinto escritor e jornalista Gomes Monteiro concluiu o seu novo livro «O drama de Gomes Leal», que vai ser posto à venda brevemente. Trata-se de um estudo profundo e exaustivo sobre a vida e a obra do poeta de «Claridades do Sul», relatando a sua biografia com factos desconhecidos. No seu novo livro, Gomes Monteiro revela numerosas poesias inéditas do grande poeta.

VIDA CULTURAL

Academia Portuguesa de História

Reune-se hoje em sessão ordinária a Academia Portuguesa de História. Fará uma comunicação o académico sr. Mário de Sampaio Ribeiro, que falará sobre «A Livraria Real de Música — Mais subsídios para a sua história».

Estudos olisiponenses

A lição da cadeira de estudos olisiponenses, que hoje, às 18 horas, devia efectuar-se no Palácio das Galveias, ficou adiada, excepcionalmente, para amanhã, à mesma hora.